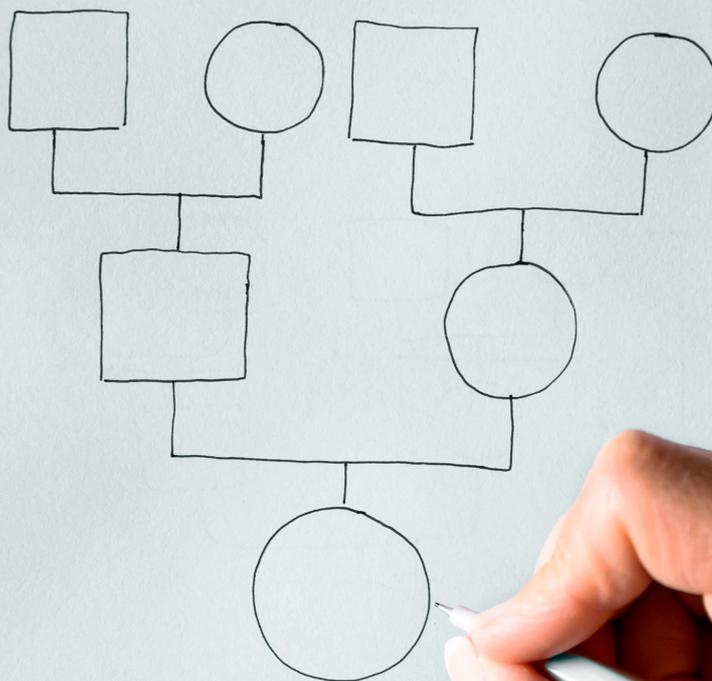


e-book

Terapia Familiar Sistêmica (TFS):

abordagens e práticas clínicas



índice

Introdução	3
Fundamentos teóricos da Terapia Familiar Sistêmica (TFS)	4
Indicações da Terapia Familiar Sistêmica (TFS)	7
Processos Terapêuticos de TFS	9
Abrindo e aprofundando conversações nas sessões: alguns recursos terapêuticos	12
Genograma	13
Técnica de Linha da Vida	16
O uso de fotografias na terapia de família	18
Considerações finais	19
Sobre este e-book	20
Referências	21

INTRODUÇÃO

A Terapia de Família surgiu como um recurso terapêutico inovador para o tratamento de pacientes graves, desafiando as abordagens tradicionais que se concentravam no indivíduo. Na década de 1950, no contexto do pós-guerra, e com a influência da Teoria Geral dos Sistemas, formulada por Ludwig Von Bertalanffy, foram realizadas as primeiras pesquisas em Terapia Familiar na cidade de Palo Alto, Califórnia, EUA. Esses estudos, liderados por Gregory Bateson e Don Jackson, deram destaque mundial à Terapia Familiar, que começou a ser divulgada no Brasil.

O campo de estudos da Terapia de Família no Brasil, desde seus primórdios, apresentou uma proposta de interdisciplinaridade, embora o viés psicológico tenha sido predominante. A prática terapêutica começou a se construir nos anos de 1970, tendo as instituições particulares e as universidades no Brasil como centros de desenvolvimento. Nessas instituições, simultaneamente ao trabalho com as famílias, discutiam-se condições e metodologias para a formação dos terapeutas, bem como a adaptação do modelo à realidade brasileira.

Momentos importantes de articulação entre os profissionais brasileiros, que se formavam na Europa e nos Estados Unidos, ocorreram em congressos, destacando-se o I Congresso Brasileiro de Terapia de Família, realizado em 1994, em São Paulo. O crescimento da Terapia Familiar Sistêmica ocorreu de forma gradual, através da articulação entre teoria e prática, com foco no grupo familiar como um todo, no casal e no indivíduo, sempre percebidos em seu contexto relacional, dentro de uma perspectiva social e cultural.

Atualmente, a Terapia de Família vem ganhando espaço com o trabalho de diversas instituições dedicadas à formação de novos terapeutas e ao atendimento clínico nessa abordagem. A Terapia Familiar Sistêmica é uma técnica terapêutica que, mais do que isso, representa uma forma de abordar e refletir sobre os conflitos e dilemas humanos presentes nas famílias e em seus membros.

Ao longo deste e-book, serão apresentados os fundamentos teóricos da Terapia Familiar Sistêmica, suas indicações, características do processo terapêutico e alguns recursos que integram prática e teoria por meio das técnicas mais utilizadas. Aproveite para conhecer melhor este modelo teórico. Ao final do e-book, você encontra sugestões de leitura para aprofundar o tema.





FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA (TFS)

A Terapia Familiar é um método terapêutico que surge no contexto de uma mudança de paradigma, deslocando-se da valorização do indivíduo para a atenção ao entorno contextual e relacional do sistema familiar. Esse método é influenciado pela Teoria Geral dos Sistemas, que oferece uma nova perspectiva ao considerar a família e o próprio processo terapêutico como sistemas em operação, com fundamentos e pontos de análise para melhor compreensão (Boscolo & Bertrando, 2001).

A família é vista como um sistema, constituindo uma unidade emocional em constante mudança, na qual todos os integrantes contribuem para seu funcionamento e para a percepção dos acontecimentos. Possui regras de interação que regulam a vida em grupo. Na estrutura familiar, há subsistemas que evidenciam as gerações, o gênero, a função exercida, entre outras características. Entre os subsistemas, temos as fronteiras, um conceito que se refere aos limites que regulam o contato entre as pessoas e interferem na conexão entre elas, além de influenciar a forma como os papéis familiares são desempenhados.

Outras duas grandes influências na Terapia Familiar Sistêmica são a Teoria da Cibernética, com seus conceitos de regulação, funcionamento e evolução dos sistemas, e a Teoria da Comunicação, que teve grande desenvolvimento com as pesquisas de Bateson e Watzlawick em Palo Alto, aplicando os conceitos sistêmicos à comunicação (Boscolo & Bertrando, 2001).

A Terapia Familiar tem se desenvolvido e integrado, em seu corpo teórico, distintas abordagens terapêuticas através dos trabalhos de vários mestres da Terapia de Família, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. Entre esses mestres, podemos citar Bateson (2002), Virginia Satir et al. (1991), Minuchin (1982), Boscolo & Bertrando (2001), Michael White (2021), Andolfi & Angelo (1989), entre outros. Muitos desses autores contribuíram para o desenvolvimento de diversas escolas de Terapia Familiar, oferecendo ao terapeuta guias conceituais para reflexão e atuação. Grandesso (2000) aprofunda o desenvolvimento de vários modelos terapêuticos enquanto narra a história da Terapia Familiar.

Em comum a essas diversas escolas, podemos sintetizar que a atuação do terapeuta sempre leva em consideração a dinâmica familiar, as relações interpessoais, tanto dentro quanto fora da família, suas características comunicacionais, com a perspectiva de que a mudança em uma das pessoas afetará o sistema familiar como um todo.





A Terapia de Família e a Terapia de Casal não são terapias que tratam indivíduos em grupo, nem se trata de terapia de um indivíduo na presença dos demais. O foco da terapia está no aspecto relacional presente no sistema familiar. Tanto a família quanto o casal possuem uma organização e uma linguagem próprias, que implicam em regras de funcionamento.

A família é vista em sua totalidade; o sofrimento dos indivíduos não pode ser considerado isoladamente do contexto mais amplo de suas vidas. Dessa forma, combinamos aspectos individuais com interpessoais, abandonando o pensamento linear, que busca uma causa e um efeito, e adotamos o pensamento circular. As relações intrafamiliares se somam às experiências com outros sistemas, como a escola, o trabalho e a cidade, que também passam a ser referenciais de reflexão na terapia.

A Teoria Sistêmica, inicialmente aplicada predominantemente no atendimento às famílias, desenvolveu-se clinicamente a ponto de, a partir dos anos 1980, através das pesquisas de Boscolo & Bertrando (2001), também abranger o atendimento ao sistema individual.

A mudança que ocorre em uma pessoa em atendimento individual acarreta mudanças nos sistemas dos quais ela participa. A pessoa passa a identificar características de sua forma de se relacionar em vários contextos e, gradualmente, vai operando distinções em sua participação. O principal objetivo desse enfoque é promover a individuação do paciente, e ao realizar essa tarefa, observa-se que as transformações adquiridas irão influenciar os outros membros da família ou pessoas nos demais sistemas.

Em todas as três abordagens – Terapia de Família, Terapia de Casal e Terapia Individual Sistêmica – o setting, o processo terapêutico e a presença do terapeuta são percebidos como instrumentos terapêuticos fundamentais, oferecendo uma experiência emocional que influencia a vivência e a autorregulação de todos os envolvidos.



INDICAÇÕES DA TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA (TFS)

Ao longo do ciclo vital da família, algumas experiências são esperadas, como o nascimento dos filhos, a entrada na escola, a adolescência e o envelhecimento, para citar algumas. Essas fases marcam o desenvolvimento do indivíduo e da família, preparando a individuação dos membros e oportunizando a expressão de suas características. Essas fases também atualizam informações transgeracionais, que podem resultar em conflitos ao permitir que todos vivenciem questões relacionadas às suas famílias de origem, trazendo à tona valores e mitos que influenciam a forma como desempenham seus papéis familiares. Nesse sentido, a transgeracionalidade, como uma bagagem emocional que transmite padrões entre as gerações e se perpetua ao longo da história familiar, também é um foco da Terapia Familiar (McGoldrick et al., 2012).

Portanto, a Terapia Familiar Sistêmica é particularmente indicada para casos de conflitos familiares resultantes de crises, mudanças no ciclo de vida da família, adoecimento, transtornos alimentares, adoção, luto e crises financeiras, entre outros temas que levam a família a buscar terapia.

Além disso, a Terapia Familiar é importante ao oferecer um espaço para conversação, possibilitando a superação e reflexão sobre elementos culturais e preconceitos que surgem como desafios nas vivências emocionais das famílias. Por exemplo, em famílias que enfrentam comportamentos de invalidação diante da expressão de diversidade sexual de seus membros, o preconceito e o estresse decorrente dele são fenômenos importantes a serem explorados na Terapia Familiar.

Na Terapia de Casal, podemos identificar algumas indicações específicas, como problemas na comunicação e dificuldades em conciliar as vivências individuais com a noção de "nós" do casal. A terapia também oferece um espaço para discutir questões relacionadas à sexualidade, queixas e dificuldades de intimidade e conexão. Experiências de traição e reflexões sobre o contrato de casamento, considerando o casamento atual e o casamento desejado, também são relevantes para essa abordagem de atendimento.

A Terapia Individual Sistêmica pode ser indicada como sequência da Terapia de Família ou de Casal, ou concomitantemente, caso seja realizada por um terapeuta distinto. O objetivo é trabalhar questões mais específicas relacionadas ao processo de autonomia e à reflexão sobre decisões individuais.

Existem, em princípio, duas situações em que a Terapia Individual Sistêmica não é recomendada: quando a motivação para a terapia está relacionada a uma mudança ocorrida em outra pessoa e quando o paciente identificado é uma criança. No caso de uma criança, a Terapia de Família deve ser sempre a escolha, pois considera que o sofrimento da criança e seus sintomas refletem uma dificuldade no sistema familiar.



PROCESSO TERAPÊUTICO DA TFS

Na Terapia de Família, o terapeuta busca transformar uma queixa individual inicial em uma demanda conjunta, motivando a participação de todos os familiares no processo terapêutico. Esse objetivo não é alcançado rapidamente e, em muitos casos, resulta das conversas nas sessões iniciais com a família. Durante as primeiras entrevistas, é possível identificar quais são os sofrimentos, em quais subsistemas os conflitos estão presentes, e quais são as demandas individuais e da família que serão estabelecidas como objetivos terapêuticos para o início da terapia.

Um ponto importante a ser destacado na Terapia Familiar é que nem sempre há unanimidade na família quanto à motivação para participar das sessões. O processo terapêutico pode começar com a ausência de alguns membros, mas com o tempo, eles podem ser engajados e perceber que não foram esquecidos, continuando a ser convocados e envolvidos nas diversas abordagens e tarefas da terapia.

Essa realidade, de engajar o familiar ausente em um segundo momento, não ocorre na Terapia de Casal. Nesse contexto, o casal precisa ter, desde o início da terapia, uma motivação conjunta, independentemente de estarem casados ou morando no mesmo domicílio. Se um membro do casal não tem motivação para a Terapia de Casal, a indicação será pela Terapia Individual Sistêmica, realizada pela pessoa interessada no processo terapêutico.

No processo terapêutico da Terapia de Família, nas primeiras sessões, o foco é identificar e coconstruir, com a família, quais serão os objetivos terapêuticos. A entrevista não é apenas conduzida pelo terapeuta; estabelece-se um processo em que todos são parceiros na comunicação e na absorção das informações. O terapeuta e a família exploram juntos as dinâmicas relacionais que sustentam os problemas e sintomas. O terapeuta pode fazer perguntas repetidas a todos os membros da família, como: "Como você vê essa situação?" As características das pessoas e da família aparecem e são descritas, e os sentidos e símbolos são atribuídos aos comportamentos próprios e dos outros.

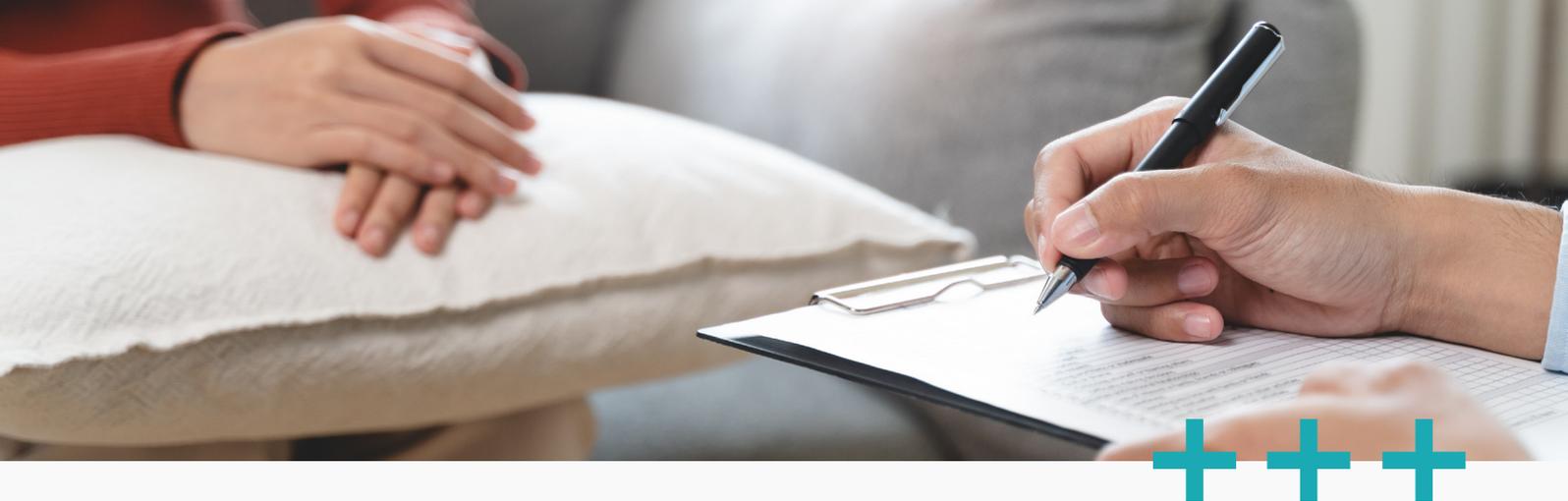


Comumente, as sessões ocorrem de forma quinzenal, permitindo que, na semana sem sessão, o sistema em atendimento tenha a experiência de vivenciar diferentes perspectivas sobre as questões abordadas na terapia.

O processo terapêutico na Terapia de Família também pode incluir sessões com convidados. Pode-se estabelecer com a família a vantagem de ter sessões ampliadas, com a participação de avós, tios, padrinhos e pessoas que trabalhem na casa, como babás. Nessas sessões, é importante que a família convide e explique ao convidado o motivo de sua participação, esclarecendo que sua presença contribuirá para a comunicação e que se pretende obter diferentes pontos de vista sobre temas em foco na terapia. Em algumas situações, é possível esclarecer mal-entendidos, promover reconciliações e esclarecer pontos sobre a história familiar. Também é importante que o terapeuta tenha em mente que essas sessões têm características especiais e que todos os participantes se sentirão vulneráveis.

Um terapeuta experiente reconhecerá seu papel como facilitador desses diálogos, que podem se transformar em encontros emocionais, proporcionando aos participantes uma experiência vivencial que ajuda a terapia a avançar para uma nova fase.





Sobre a Terapia Individual Sistêmica, é comum que, ao longo do processo terapêutico, com objetivos e focos bem definidos e coconstruídos, sejam realizadas sessões ampliadas, com convidados e com a presença da pessoa em terapia. O convite para a participação é feito pela própria pessoa em terapia. Os convidados podem ser familiares, namorados(as) ou amigos(as), com o objetivo de evidenciar características da comunicação e da dinâmica estabelecidas nos diversos relacionamentos. Essas sessões podem trazer novas conversas para as próximas sessões individuais (Boscolo & Bertrando, 2001).

Na fase intermediária da terapia, a família e os indivíduos passam a explorar suas vivências com criatividade e espontaneidade. Temas tabus surgem e são abordados; é um momento para ouvir a própria voz dizendo aos familiares frases que se desejava ou não se desejava dizer. Ocorre a experiência de uma nova liberdade comunicacional e a possível transparência de um novo tempo. Nada disso é fácil, mas é importante não desistir das falas necessárias, completar diálogos iniciados e não finalizados ao longo da vida familiar. O terapeuta é testemunha de palavras que surgem rápidas e, às vezes, violentas, outras vezes tímidas, mas com a disposição de revisitar o passado e construir um futuro. Para facilitar esses diálogos, o terapeuta utiliza frequentemente jogos terapêuticos, humor e experiências espontâneas, além de ser honesto e empático, favorecendo o vínculo e o surgimento de narrativas alternativas com novas reflexões sobre antigos padrões.

O futuro também é abordado utilizando técnicas como a proposta do milagre, que estimula a imaginação para considerar como seria a vida sem o problema, característica ou vivência atual. Alternativamente, pode-se perguntar: "Como estariam em cinco anos se nada mudar?"

O final do processo psicoterapêutico pode ser compreendido como uma fase em que as pessoas passam a redefinir suas premissas com novas conversas, alterando o contexto que produz ou mantém o problema. Grupos familiares e indivíduos, nas últimas sessões, produzem novas descrições e explicações, com novos pontos de vista sobre os acontecimentos e sua participação neles. A aquisição e experimentação de novos papéis na família e em outros sistemas ocorrem à medida que novas responsabilidades e tarefas são assimiladas. Também ocorrem diálogos ricos e importantes sobre os motivos que levaram à terapia e sobre o estado atual. Quando a alta é iminente e a data é definida, discutem-se os avanços e as capacidades de maior expressão dos sentimentos. É fundamental perceber que, embora a vida não seja isenta de problemas, é possível viver com novas resiliências e novas percepções sobre a participação nos problemas.

ABRINDO E APROFUNDANDO CONVERSÇÕES NAS SESSÕES: ALGUNS RECURSOS TERAPÊUTICOS

Uma reflexão importante para o terapeuta é a constante interação entre a aliança terapêutica e a técnica terapêutica. A aliança terapêutica refere-se ao vínculo entre o terapeuta e o sistema que busca a terapia e é um fator crucial para o sucesso do tratamento. Dessa forma, a terapia passa a ser percebida como um espaço seguro para a livre expressão.

Quando as pessoas se sentem em um ambiente terapêutico seguro, elas se tornam mais confiantes e dispostas a participar das conversações terapêuticas e das técnicas mais experienciadoras que o terapeuta possa propor ao longo do processo terapêutico. É essencial que a família e o terapeuta concordem que os métodos apresentados são apropriados e fazem sentido. Para isso, o terapeuta deve estar familiarizado com as técnicas e ter, inclusive, vivenciado tais experiências.

Diversas técnicas foram desenvolvidas por diferentes teóricos para auxiliar as famílias a refletirem sobre suas realidades. Entre as várias escolas da Terapia Familiar Sistêmica, destacam-se as práticas construcionistas, que servirão como referencial teórico para as práticas conversacionais aqui descritas. Segundo Anderson (2001), observa-se que as famílias elegem algumas histórias, perpetuadas através das gerações, para construir seu contexto. Muitas vezes, a história do problema é confundida com a própria história da família. Epston e White (1993) ressaltam que acessar novas narrativas, que foram esquecidas ou marginalizadas, é um caminho que amplia a perspectiva sobre as diversas vivências, possibilitando a criação de novos sentidos e alternativas para a experiência atual.

A seguir, citaremos algumas técnicas como recursos conversacionais, contextualizando seu uso.



GENOGRAMA

O genograma é amplamente utilizado e foi na década de 1980 que Murray Bowen (1978) definiu os símbolos de forma mais estruturada, trazendo esse recurso para a Terapia de Família. Trata-se de um desenho gráfico que retrata os membros da família e as relações entre eles, abrangendo três ou quatro gerações. McGoldrick, Gerson e Petry (2012) apresentam um formato de genograma com símbolos e convenções, mostrando diversas aplicações clínicas, além de fornecer alguns questionários semiestruturados que servem como guias para a conversação terapêutica. Para Chrzastowski (2011), o genograma pode ser utilizado além de sua origem mais funcionalista, onde a ênfase não está apenas na informação, mas na oportunidade de narrar as histórias familiares.

É uma técnica que promove o diálogo e a exploração de aspectos transgeracionais da família, auxiliando na compreensão das interações do sistema conjugal com suas famílias de origem. Pode integrar diferentes temas que serão objeto de análise mais profunda, como a parentalidade, a conjugalidade, a sexualidade e a escolha profissional, entre outros, além de demonstrar fontes de resiliência e forças familiares.

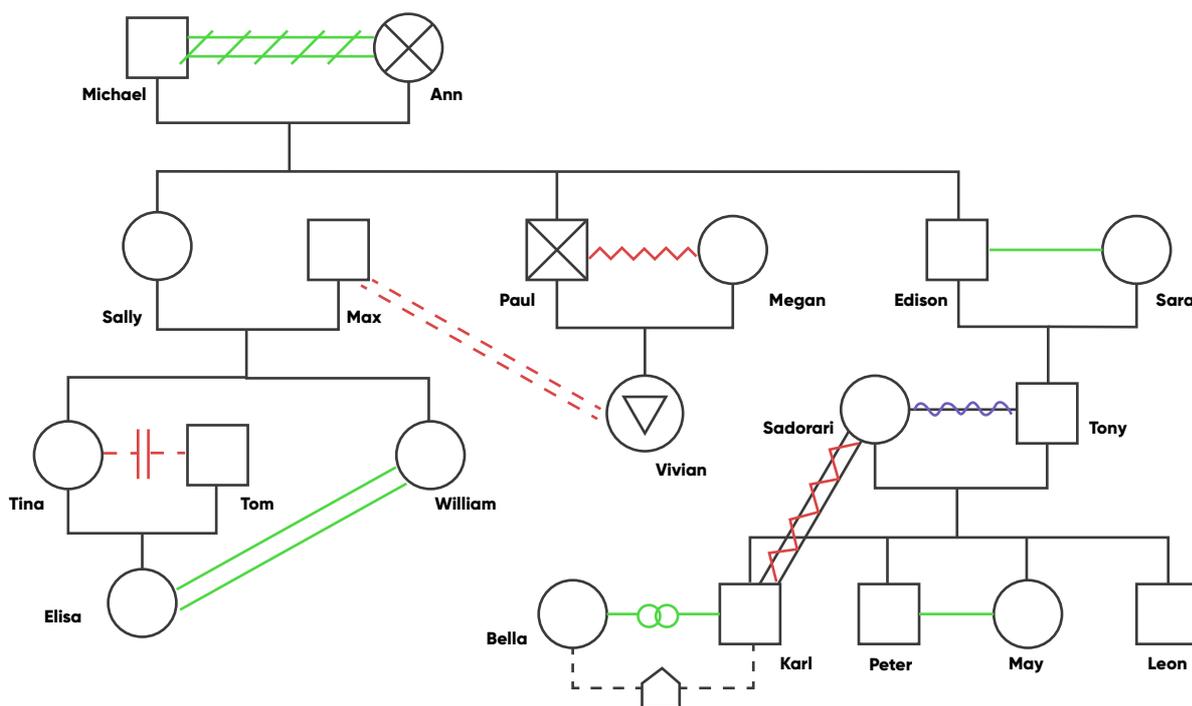


Costuma-se utilizar o genograma na fase inicial do processo terapêutico, mas não tão cedo a ponto de comprometer o vínculo com a família ou o sistema em terapia. Vitale (2004) lembra que é comum que, na terapia, surjam reflexões sobre o papel da transgeracionalidade na aprendizagem e no desenvolvimento de crenças, além de modos de perpetuar aspectos conhecidos das gerações anteriores. Esse é um bom momento para propor o genograma. É importante também que a família não esteja vivenciando uma crise aguda, o que poderia impedir que o assunto em questão seja ampliado pelo genograma.

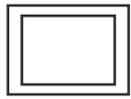
O genograma pode ser desenhado pelo terapeuta ou utilizando diversos softwares, com a participação do sistema em terapia. Também pode ser utilizado na Terapia Individual Sistêmica. O desenho do genograma começa pela história da família atual ou pela terceira geração, com o terapeuta convidando a família a lembrar das narrativas sobre os temas que surgem a partir das perguntas que organizam o genograma. A narrativa pode seguir uma ordem ascendente ou descendente entre as gerações, e a decisão sobre por onde iniciar é acordada com a família. Às vezes, o pedido é: “Vamos começar pelos avós?”

O genograma costuma despertar interesse e motivação. Não raro, entre as sessões, os familiares são contatados para fornecer mais detalhes sobre algumas informações históricas da família. Muitas vezes, segredos como aborto, gravidez na adolescência, traições e diversos traumas são revelados, trazendo novas elucidações para o contexto vivido. As perguntas devem fluir a partir da história que está sendo narrada.

Após a construção do genograma e muitas reflexões, a família e o terapeuta contemplam o “registro” resultante e a conversação pode ganhar uma nova perspectiva ao explorar diferentes experiências e relacioná-las. Portanto, essa é uma importante ferramenta terapêutica por possibilitar a ressignificação de vivências emocionais.



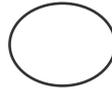
Basic Genogram Symbols



Index Person



Male



Female

1970 -



Birth and Age
Male

1970 -



Birth and Age - Female



Deceased - Male



Deceased - Female



Age of Death
Male



Age of Death
Female

1938 - 2005

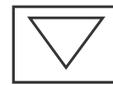


Birth, Death and Age
Male

1938 - 2005



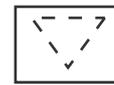
Birth, Death and Age
Female



Gay



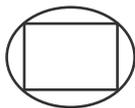
Lesbian



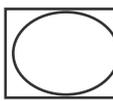
Bisexual 1



Bisexual 2



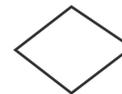
Transgender
Male to female



Transgender
Female to male



Institution



Pet



Pregnancy



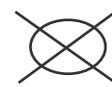
Miscarriage



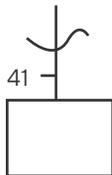
Abortion



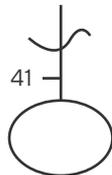
Male Stillbirth



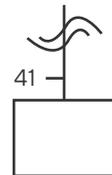
Female Stillbirth



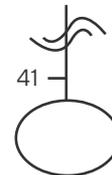
Lived in More Than 2
Cultures - Male



Lived in More Than 2
Cultures - Female



Immigration - Male



Immigration - Female

Fonte: Imagens obtidas com o software de genogramas Edraw com símbolos e convenções

TÉCNICA DA LINHA DA VIDA

O desenho da linha da vida é sugerido por vários autores, como Belous et al. (2012) e Carter e McGoldrick (1995). A ideia central é que as experiências podem ter múltiplas interpretações e significados, que são gradativamente construídos e atribuídos a essas experiências. Algumas dessas experiências se acumulam com outros eventos que, ao serem lembrados na linha do tempo, são ampliados em sua percepção.

A família ou o sistema em terapia é convidado a desenhar, abaixo de uma linha, períodos que descrevam sua vida. Esse desenho pode ser feito em um painel de papel pardo, com canetas coloridas, criando uma estética lúdica e propondo uma reflexão simbólica sobre a passagem do tempo e sua conexão entre tempo/espaço/sistemas de pertencimento/mundo interno/mundo público.

Pode-se iniciar a linha da vida no ano do nascimento ou no ano da formação da família, como o casamento dos pais ou o nascimento dos filhos, e em fases de cinco, dez ou quinze anos. Considera-se, ainda, a idade da pessoa em foco para decidir o tamanho do quadrante. Os eventos significativos são registrados nesses períodos da vida, incluindo a vivência na família e nos diversos sistemas aos quais a pessoa pertence. A técnica pode ser iniciada com o auxílio das seguintes perguntas:

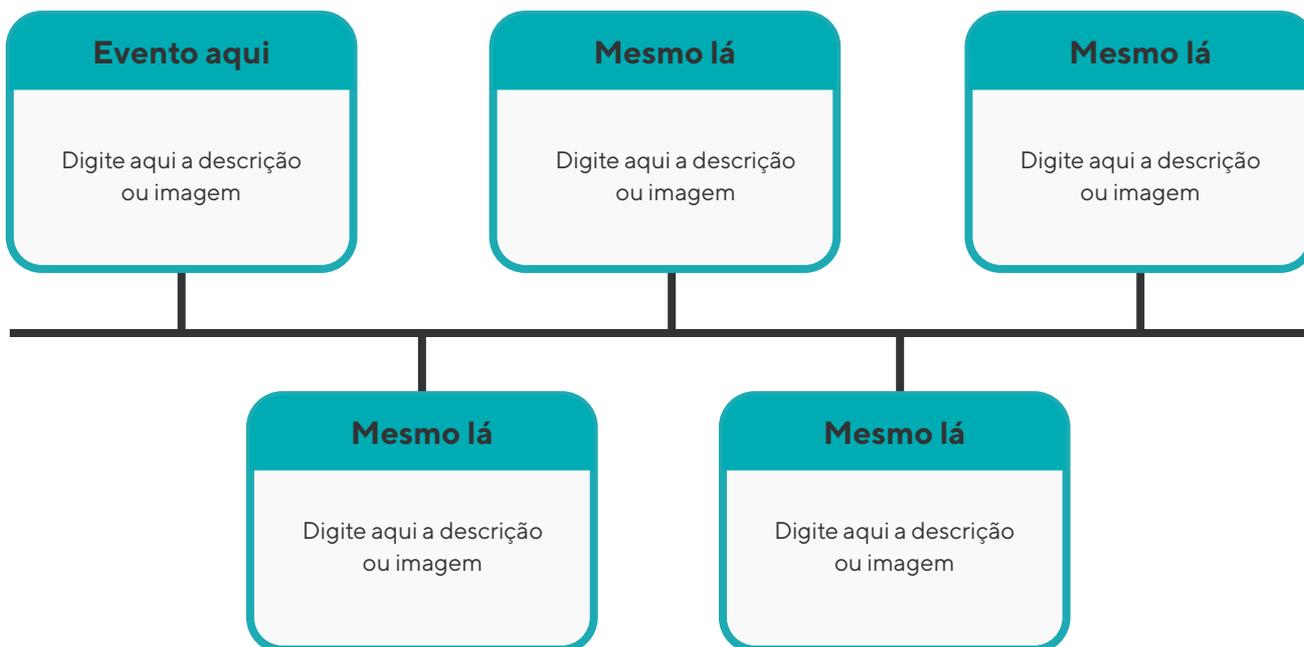
- Quais são as vivências ou eventos nestas várias fases da sua vida que deixaram uma forte lembrança emocional, tanto positiva quanto negativa?
- Caso não sejam suas lembranças, quais são as narrativas de eventos importantes que a memória oral da família conta nestes intervalos de tempo?

O terapeuta e a família muitas vezes se revezam no registro de palavras que sintetizam o evento sendo narrado. Às vezes, o revezamento de quem escreve é decidido e alternado entre os membros da família presentes na sessão.

À medida que as histórias são contadas e a família está presente como um sistema em terapia, há uma vantagem adicional: o processo de engajamento é facilitado pela presença de todos. Os familiares constroem novos entendimentos para os eventos descritos, e hipóteses e teorias são formuladas pela própria família. Eventos traumáticos podem ser relatados, trazendo esclarecimentos e novos significados para a situação presente.

As vivências emocionais são trazidas e validadas em sessão pelo terapeuta. Ocorre uma nova organização subjetiva e a integração dos eventos, auxiliando a reconstrução de padrões de relacionamento entre os membros da família.

DIGITE O TÍTULO AQUI



Fonte: <https://www.storyboardthat.com/pt/create/timeline-posters>.



O USO DE FOTOGRAFIAS NA TERAPIA DE FAMÍLIA

A vida das pessoas abrange diversos momentos, incluindo a vida familiar, escolar ou no trabalho, o lazer, os momentos a sós, no trânsito, entre outros. Muitas vezes, não refletimos sobre o significado dessas vivências em relação ao bem-estar subjetivo. Na Terapia de Família, uma abordagem técnica bastante interessante é o uso de fotografias, que contribui para a ampliação da percepção das pessoas sobre o seu cotidiano. A fotografia tem um impacto tanto para quem fotografa quanto para o observador das fotografias. São esses múltiplos olhares da família em atendimento que queremos despertar com essa técnica. O método autofotográfico, que visa conhecer a percepção que o sujeito tem de si e do seu ambiente, é bastante antigo e é mencionado em Amerikaner (1980).

A fotografia também é um excelente meio de expressão quando trabalhamos com famílias que têm crianças e adolescentes. Na Terapia Individual com adolescentes, é um ótimo recurso, especialmente quando há dificuldade na externalização verbal dos pensamentos e emoções.

O terapeuta solicita à família que registre, através de fotografias, o que considera importante na sua rotina ao longo de uma semana típica. As fotos podem ser individuais e em grupo. Pode-se estabelecer um número específico de fotos para cada membro da família, por exemplo, sete fotos em uma semana.

Na sessão seguinte, cada membro da família apresenta as suas fotos, organizadas em um mural, em ordem cronológica de sua realização. Dessa forma, cada pessoa ocupa uma linha no mural com suas fotos, e cada fotógrafo apresenta a sua arte. A partir do relato de cada pessoa, o terapeuta e o grupo familiar presente exploram sentimentos e percepções identificadas nesses registros e na leitura que cada pessoa faz sobre as imagens no mural. As trocas de informações surgem, evidenciando quais memórias cada vivência provoca e quais significados podemos atribuir a essa exposição de fotos, como se fossem novas mensagens sendo comunicadas, gerando novos diálogos.

Após essa breve apresentação das técnicas, podemos perceber o quanto elas podem ser complementares. No entanto, é importante ter cuidado para não apresentá-las em uma sequência rígida, para evitar que a terapia se torne demasiadamente tecnicista. O diálogo e a experiência humana que se configuram no espaço terapêutico devem sempre ser o foco principal.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a Terapia Familiar Sistêmica no Brasil está em expansão, com a nova geração de terapeutas buscando integrar abordagens que acolham as novas realidades e as diversas configurações familiares existentes.

Neste e-book, apresentamos algumas linhas teóricas dentro da abordagem Sistêmica da Terapia de Família, destacando seus desenvolvimentos históricos e seus principais conceitos norteadores da prática clínica. Também detalhamos o processo terapêutico e algumas técnicas utilizadas durante os atendimentos. Com isso, esperamos despertar o interesse do leitor para se aproximar dessa abordagem teórica e clínica. O tema, naturalmente, não se esgota aqui e faz um convite para novos estudos sobre a Terapia de Família.

SOBRE ESTE E-BOOK

Como citar este e-book: Wilke, M. E. V. M., Lobo, B. O. M., & Neufeld, C. B. (Set., 2024). Terapia Familiar Sistêmica (TFS): abordagens e práticas clínicas. [E-book]. Artmed.

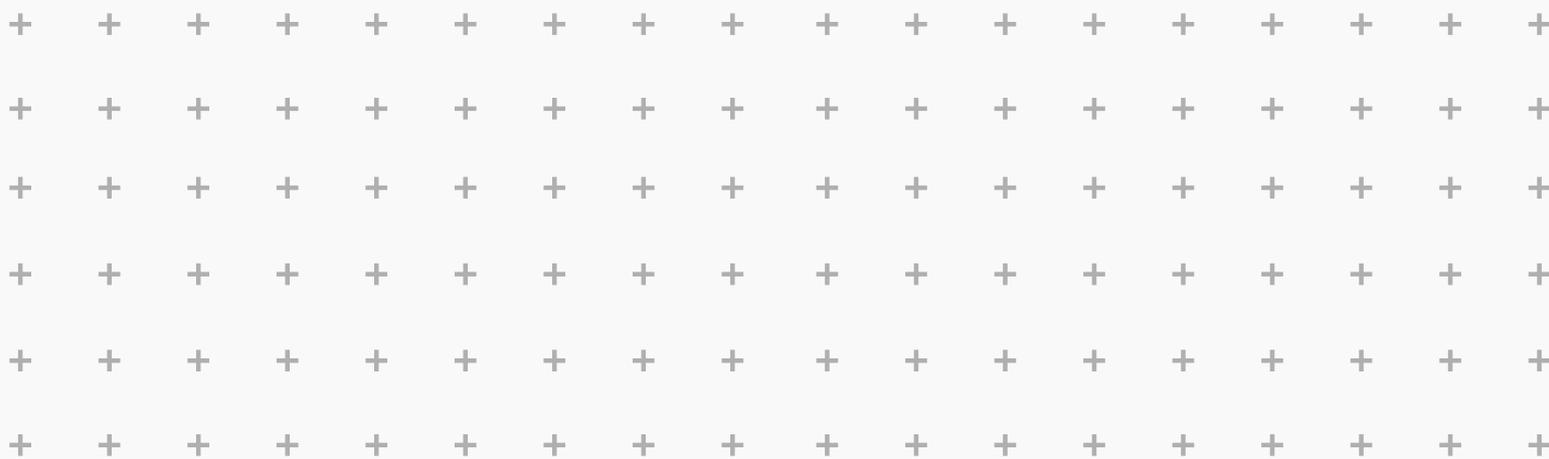
AUTORAS

Maria Eliza Vernet Machado Wilke

Psicóloga e Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Terapia Sistêmica pelo Centro de Estudos da Família e do Indivíduo (CEFIPOA). Coordenadora de Ensino e Supervisora Clínica no Curso de Pós-Graduação em Terapia Sistêmica do CEFIPOA. Professora do Curso de Psicologia da FACEFI (Faculdade do CEFI).

Beatriz de Oliveira Meneguelo Lobo

Psicóloga e Mestre em Psicologia (área de concentração Cognição Humana) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutoranda em Psicologia em Saúde e Desenvolvimento pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP), com bolsa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Especialista em Terapias Cognitivo-Comportamentais e com Formação em Terapia do Esquema. Pesquisadora e Supervisora no Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental - LaPICC-USP da Universidade de São Paulo (USP).



REFERÊNCIAS

- Amerikaner, M., Schauble, P., & Ziller, R. C. (1980). Images: The use of photographs in personal counseling. *Personnel and Guidance Journal*, 59, 68-73.
- Anderson, H. (2001). Becoming a postmodern collaborative therapist: A clinical and theoretical journey, Part II. *Journal of the Texas Association for Marriage and Family Therapy*, 6(1), 4-22.
- Andolfi, M., & Angelo, C. (1989). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bateson, G. (2002). *Espiritu y naturaleza*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Belous, C. K., Schauble, P., & Ziller, R. C. (2012). Revisiting the sexual genogram. *The American Journal of Family Therapy*, 40(4), 281-296.
- Boscolo, L., & Bertrando, P. (2001). *Terapia sistêmica individuale*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (Eds.). (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chrzastowski, S. K. (2011). A narrative perspective on genograms: Revisiting classical family therapy methods. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 16(4), 635-644.
- Epston, D., & White, M. (1993). *Medios narrativos para fines terapéuticos*. Barcelona: Paidós.
- Grandesso, M. (2000). *Sobre a construção do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- McGoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2012). *Genogramas: Avaliação e intervenção familiar (3rd ed.)*. Porto Alegre: Artmed.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento (J. A. Cunha, Trans.)*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Satir, V., Banmen, J., Gerber, J., & Gomori, M. (1991). *The Satir model: Family therapy and beyond*. Palo Alto, CA: Science and Behavior Books.
- Vitale, M. A. (2004). Trabalho psicodramático com genograma em terapia de casais. In M. A. Vitale (Ed.), *Laços amorosos: Terapia de casal e psicodrama* (pp. 234-250). São Paulo: Ágora.
- White, M. (2012). *Mapas da prática narrativa*. Porto Alegre: Pacartes.